



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI

BRENO PRADO DA SILVA

**FILOSOFIA ONTOPSICOLÓGICA: A REIMPOSTAÇÃO CRÍTICA
DA FILOSOFIA E A RACIONALIDADE ONTOLÓGICA**

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA

2024

Breno Prado da Silva

**Filosofia Ontopsicológica: a reimpostação
crítica da filosofia e a racionalidade ontológica**

Trabalho de Conclusão de Curso / Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

Orientador: Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva

Recanto Maestro, 2024

BRENO PRADO DA SILVA

Filosofia Ontopsicológica: a reimpostação crítica da filosofia e a racionalidade ontológica

Trabalho de Conclusão de Curso-Artigo, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Dr. Paolo Zenorini
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Dr. Rafael Padilha dos Santos
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti / Universidade do Vale do Itajaí

Prof. Esp. Horácio Chikota
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Recanto Maestro, 23 de novembro de 2024.

Filosofia Ontopsicológica: a reimpostação crítica da filosofia e a racionalidade ontológica¹

Breno Prado da Silva

Resumo: Por milênios o conhecimento tem sido uma das grandes satisfações existenciais do homem. Não por acaso chamado de *homo sapiens*, ele frui do *sapere*, isto é, *saber com sabor*. Porém, conhecimento verdadeiro é exclusivamente aquele em nexos ontológico: quando consciência e ser coincidem – problema que sinalizara Husserl ao afirmar a crise das ciências europeias. Nesta seara, muitas foram as contribuições filosóficas e científicas ao longo da história da civilização humana no planeta Terra. Uma dessas contribuições, no plano da filosofia, se chama filosofia ontopsicológica. Como o nome sugere, ela é forjada em colaboração com a Ontopsicologia, ciência de vanguarda sobre a atividade psíquica. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral elaborar uma síntese sobre a filosofia ontopsicológica, elucidando sua essência, suas características cardinais e suas contribuições. Como objetivos específicos, tem-se: (1) descrever o que é a filosofia ontopsicológica; (2) descrever como se distingue ou se especifica a filosofia ontopsicológica; (3) como se exerce a filosofia ontopsicológica; (4) qual é o fim / escopo da filosofia ontopsicológica. Como resultado obteve-se a satisfação dos objetivos propostos. Conclusivamente, o principal aspecto diferencial da filosofia ontopsicológica evidenciado foi a retomada da ontologia ou metafísica clássica em conjunto com as descobertas da Ontopsicologia, que permitem a evasão às interferências alheias agentes na consciência humana. Enquanto o homem se mantiver responsabilmente autêntico para com a sua única identidade ôntica, é-lhe garantido o nexo ontológico e a realização integral. Dito de outro modo, pode-se finalmente caminhar na terra sem jamais sair do seio eterno do ser.

Palavras-chave: filosofia ontopsicológica; metafísica; Ontopsicologia; Antonio Meneghetti.

Ontopsychological Philosophy: the critical repositioning of philosophy and the ontological rationality

Abstract: For millennia, knowledge has been one of man's greatest existential satisfactions. It is no coincidence that he is called *homo sapiens*, he enjoys *sapere*, that is, *flavorful knowledge*. However, true knowledge is exclusively that which is ontological nexus: when consciousness and being coincide – a problem that Husserl had pointed out when he stated the crisis of European sciences. In this field, there have been many philosophical and scientific contributions throughout the history of human civilization on planet Earth. One of these contributions, in the field of philosophy, is called ontopsychological philosophy. As the name suggests, it is forged in collaboration with Ontopsychology, a cutting-edge science on psychic activity. Thus, the general objective of this research is to elaborate a synthesis on ontopsychological philosophy, elucidating its essence, its cardinal characteristics and its contributions. The specific objectives are: (1) to describe what ontopsychological philosophy is; (2) to describe how ontopsychological philosophy is distinguished or specified; (3) how ontopsychological philosophy is practiced; (4) what is the purpose/scope of ontopsychological philosophy. As result, the proposed objectives were met. In conclusion, the main distinguishing aspect of ontopsychological philosophy that was evidenced was the resumption of classical ontology or metaphysics together with the discoveries of Ontopsychology, which allow for the avoidance of alienating interference in human consciousness. As long as man remains responsibly authentic to his unique ontic identity, he is guaranteed the ontological nexus and integral fulfillment. In other words, one can finally walk the earth without ever leaving the eternal bosom of being.

Keywords: ontopsychological philosophy; metaphysics; Ontopsychology; Antonio Meneghetti.

Filosofia Ontopsicológica: la reconfiguración crítica de la filosofía y la racionalidad ontológica

Resumen: Durante milenios, el conocimiento ha sido una de las grandes satisfacciones existenciales del hombre. No por casualidad llamado *homo sapiens*, disfruta del *sapere*, es decir, del *conocimiento con sabor*. Sin embargo, el verdadero conocimiento es exclusivamente el que está en un nexo ontológico: cuando la conciencia y el ser coinciden, problema que Husserl señaló al plantear la crisis de las ciencias europeas. En este campo han sido numerosos los aportes filosóficos y científicos a lo largo de la historia de la civilización humana en el

¹ Trabalho de Conclusão de Curso / Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Orientador: Prof. Dr. Bruno Fleck da Silva.

planeta Tierra. Una de estas aportaciones, en términos de filosofía, es la llamada filosofía ontopsicológica. Como sugiere el nombre, está forjado en colaboración con Ontopsicología, una ciencia de vanguardia sobre la actividad psíquica. Así, esta investigación tiene como objetivo general elaborar una síntesis de la filosofía ontopsicológica, dilucidando su esencia, sus características cardinales y sus aportes. Como objetivos específicos tenemos: (1) describir qué es la filosofía ontopsicológica; (2) describir cómo se distingue o especifica la filosofía ontopsicológica; (3) cómo se ejerce la filosofía ontopsicológica; (4) cuál es el fin/alcance de la filosofía ontopsicológica. Como resultado se cumplieron los objetivos propuestos. De manera concluyente, el principal aspecto diferenciador de la filosofía ontopsicológica evidenciado fue la retomada de la ontología o metafísica clásica junto con los descubrimientos de la Ontopsicología, que permiten evadir la interferencia de otros agentes en la conciencia humana. Mientras el hombre permanezca responsablemente auténtico con su identidad óptica única, se le garantiza el nexo ontológico y la realización integral. En otras palabras, uno puede finalmente caminar sobre la tierra sin abandonar jamás el seno eterno del ser.

Palabras clave: filosofía ontopsicológica; metafísica; Ontopsicología; Antonio Meneghetti.

“Il sommo piacere è nella filosofia autentica.”

Acad. Prof. Antonio Meneghetti

1 Introdução

Por milênios o conhecimento tem sido uma das grandes satisfações existenciais do homem. Não por acaso chamado de *homo sapiens*, ele frui do *sapere*, isto é, *saber com sabor*. Além do prazer inerente ao conhecer, ocorrem ainda os aspectos práticos, técnicos de economia e evolução existencial no teatro histórico. Epicentrada na filosofia grega, a ciência, ou ainda, *scio ens*, isto é, “sei o ser”, tem como plano de fundo e validade única o nexo ontológico: a reversibilidade entre consciência e ser. Isso significa que é rigorosamente científico aquele conhecimento que coincide com o real, com o essencial, com o formal, ou então, com o mundo-da-vida, como afirmara Husserl.

Nesta seara, muitas foram as contribuições filosóficas e científicas ao longo da história da civilização humana no planeta Terra. Uma dessas contribuições, no plano da filosofia, se chama *filosofia ontopsicológica*. Como o nome sugere, ela é forjada em colaboração com a *Ontopsicologia*, ciência de vanguarda sobre a atividade psíquica. Ressalta-se que ambas as contribuições são de autoria de Antonio Meneghetti, principal autor deste estudo.

Dito isto, esta pesquisa tem como objetivo geral *elaborar uma síntese sobre a filosofia ontopsicológica, elucidando sua essência, suas características cardinais e suas contribuições*. Como objetivos específicos, tem-se: (1) descrever o que é a filosofia ontopsicológica; (2) descrever como se distingue ou se especifica a filosofia ontopsicológica; (3) como se exerce a filosofia ontopsicológica; (4) qual é o fim / escopo da filosofia ontopsicológica.

Assim, na seção 2 *Revisão da Literatura* se apresentam os principais aspectos levantados no estudo da bibliografia selecionada, correlacionando-os e aprofundando-se neles. Esta seção é dividida em 2.1 *O significado do termo “filosofia ontopsicológica”* e 2.2 *Adentrando na filosofia ontopsicológica*. Estas, por sua vez, são subdivididas em 2.1.1 *O significado do termo “filosofia”*, 2.1.2 *O significado do termo “Ontopsicologia”*, e depois em 2.2.1 *Ontologia e Metafísica*, 2.2.2 *Racionalidade Ontológica*, 2.2.3 *O filósofo*, e 2.2.4 *Reimpostação crítica da filosofia*. Estes serão a seguir introduzidos.

No tópico 2.1 *O significado do termo “filosofia ontopsicológica”* discorre-se sobre o que esse termo significa, visto que uma realidade é o termo usado, e outra realidade é aquilo a que o termo se refere. Nele são analisados os significados etimológicos, filosóficos e contemporâneos do termo “filosofia”, em 2.1.1 *O significado do termo “filosofia”*; depois, são estudados os significados do termo “Ontopsicologia”, segundo elemento constitutivo do termo “filosofia ontopsicológica”, em 2.1.2 *O significado do termo “Ontopsicologia”*.

A seguir, em 2.2 *Adentrando na filosofia ontopsicológica*, mergulha-se nos aspectos conceituais, teóricos e técnicos desse ramo do saber. Após introduzi-lo, na parte 2.2.1 *Ontologia e Metafísica* se apresenta esse primeiro eixo central desse saber, isto é, o *saber o ser*, que perenemente se constitui o fundamento unívoco de qualquer ciência ou conhecimento. Depois, em 2.2.2 *Racionalidade Ontológica* se expõe aquilo que Antonio Meneghetti propõe como “técnica intelectual-racional com nexos ontológico”. Em 2.2.3 *O filósofo* se discorre sobre como é entendido o artesão do ofício da filosofia, o filósofo, na visão ontopsicológica. Por fim, em 2.2.4 *Reimpostação crítica da filosofia* é tecida a parte final e vértice desta pesquisa: a reimpostação, a refundação, o renascimento de toda a filosofia a partir da contribuição da Ontopsicologia.

2 Revisão da Literatura

2.1 O significado do termo “filosofia ontopsicológica”

Ao indagar uma realidade, caso ela já esteja nomeada e se a conheça utilizando-se esse nome, é criterioso esclarecer-se do significado do nome ou termo atribuído a ela. Isto é, há uma coisa chamada *filosofia ontopsicológica*, entretanto, o que significa propriamente o termo *filosofia ontopsicológica*?

Nota-se de partida que é composto pelos termos *filosofia* e *ontopsicológica*. Gramaticalmente, essa construção indica que se trata de *filosofia* – substantivo – modulada ou especificada em modo *ontopsicológico* – adjetivo. O adjetivo *ontopsicológica* atribui o significado de “do/no modo da Ontopsicologia”, ou “pertencente à Ontopsicologia”, ou “conforme a Ontopsicologia”. Trata-se, então, de uma filosofia ao modo da Ontopsicologia.

Dada essa premissa, a seguir investigam-se os termos *filosofia* e *Ontopsicologia*.

2.1.1 O significado do termo “filosofia”

Etimologicamente, a palavra *filosofia* é composta pelos elementos *filo-* e *-sofia*. Como apontam Cunha *et al.* (2010, p. 293), ela deriva do grego *philosophía*. Em grego clássico, φιλοσοφία é assim definida:

1 amor pela ciência, pelo saber; busca do conhecimento 2 pesquisa; estudo sistemático ou científico, ou prática de uma arte ou de uma ciência 3 ciência; cultura intelectual 4 cultura metódica da eloquência ou da dialética: ἡ περὶ τὰ ἔριδας φ. ISÓCR. *estudo científico da argumentação* 5 procura da essência das coisas; estudo das coisas da natureza; busca da verdade; filosofia: ἡ περὶ τὰ ἀνθρώπινα φ. ARTT. *a filosofia que concerne às coisas humanas* 6 pl. sistemas filosóficos 7 cris. doutrina cristã; vida austera <φιλόσοφος> (Malhadas *et al.*, 2022, p. 1173, grifos das autoras).

Sinteticamente, então, o termo indica sobretudo amor e busca pelo saber, mas também intelectualidade e dialética. Em especial, o significado de “procura da essência das coisas” corrobora de modo mais íntimo ao que é a ontologia e, decorrentemente, ao que é a Ontopsicologia e a filosofia ontopsicológica, como se verá em detalhes na subseção 3.2 *Adentrando na filosofia ontopsicológica*.

Ademais, nota-se ainda que φιλοσοφία (*philosophía*) deriva de φίλος (*phílos*), que assim se define:

1 amigo; amado; querido; caro *a alguém* [...] 2 que dá prazer; agradável *a alguém* [...] 3 que ama; amante *de algo* [...] 4 que testemunha amizade; benquerente; amigável *com alguém* [...] 5 *poét.*, meu, teu, seu *etc. ref. a seres ou objetos muito queridos* [...] 6 amigo [...] 7 aliado [...] 8 amiga 9 mulher; esposa 10 mãe [...] 11 objeto de afeição; ser querido; coisa querida; coisa amada, aceita, admitida [...] 12 os objetos *ou* os seres mais queridos (Malhadas *et al.*, 2022, p. 1172-1173, grifos das autoras).

Sumariamente, indica algo ou alguém querido, caro, amigo, amado. A essa definição se agrega aquela de Perine (2007), segundo a qual *philéin* significa o amor em que se deseja mas nunca se obtém aquilo que se deseja. Esse significado foi adotado mediante a concepção, desde os gregos antigos, de que o filósofo admira, ama e busca a sabedoria, mas jamais a alcança. Por isso, o filósofo não seria um sábio, pois sábio apenas Deus, mas tampouco ignorante, pois o ignorante não busca o saber; daí viria a concepção de *amigo da sabedoria*, que a ama mas não a possui (Perine, 2007). Além disso, *filia* é o termo usado para designar patologias nos tempos contemporâneos, desvios do *eros*. Este, por sua vez, entende-se como o amor carnal, material, físico, concreto. Por fim, *ágape* é tido como o amor de Deus, o amor sublime, o amor sacro, pois é aquele em que se ama sem desejar nada do amado, isto é, é o amor em que se é pleno e ama-se a partir e com a própria plenitude.

Conjuntamente, é importante ter em vista a concepção de que *theoría* para os gregos antigos era também uma *forma mentis* de estilo de vida (Perine, 2007). Isto é, o saber intelectual ou filosófico não era apenas contemplativo, racional, intelectualivo, mas era também constitutivo do modo em que se vivia. Disto decorre a concepção de *filosofia de vida*, ou seja, *vive-se como se pensa*

Depois, nota-se também que φιλοσοφία (*philosophía*) deriva conjuntamente de σοφία (*sophía*), que assim se define:

1 habilidade manual *em artes e ofícios* 2 sabedoria prática; bom-senso; inteligência; discernimento [...] 3 sabedoria; perspicácia; sagacidade [...] 4 sabedoria; saber; ciência [...] 5 filosofia; conhecimento teórico ou especulativo. <σοφός> (Malhadas *et al.*, 2022, p. 983-984, grifos das autoras).

Sophía, então, indica sobretudo um saber técnico, embora possa indicar um conhecimento teórico ou mesmo especulativo. Em especial o seu aspecto de sabedoria prática ou técnica encontra-se de modo explícito, por exemplo, na seguinte definição de racionalidade ontológica dada por Antonio Meneghetti (2015, p. 21-22): “*técnica intelectualivo-racional conexa com a lógica que o ser opera*”. Esse tema será trabalhado em detalhes na seção 3.2.3 *Racionalidade ontológica*.

Consultando-se um dos principais dicionários de língua portuguesa brasileira do tempo contemporâneo, segundo Aurélio (2004), a palavra *filosofia* pode ser definida sobremaneira como amor à sabedoria, e pela intenção de ampliar o entendimento acerca do real buscando-se compreendê-la em sua totalidade. Ele afirma ainda, contudo, que cada sistema de pensamento filosófico possui a própria definição de *filosofia*.

Procedendo ao seu significado em sede filosófica, segundo Abbagnano (2000), a melhor definição de *filosofia* é de um saber universal e em função do homem. Essa definição vai ao encontro do que é a filosofia ontopsicológica que, tendo a Ontopsicologia como pressuposto, implica que toda ação humana – incluídas as cognoscitivas – deve ser em função do próprio ser humano.

Antonio Meneghetti, por sua vez, ao definir *filosofia*, assim procede:

Saber fazer filosofia é uma capacidade analítica e sintética da inteligência. De per si, a especificação, ou seja, a tarefa da filosofia séria é aquela de explicar *o que é e por que é*. A ciência, em vez disso, descreve *como é*. O “o quê” e o “porquê” (para qual fim, para qual escopo) são, portanto, o formal especificamente do objeto, isto é, a causa especificadora que deve ser conexa também com a causa final. Esta é filosofia: a ciência descreve como a causa age, o efeito se aperfeiçoa [...]. Uma vez que o sujeito sabe o que é, pode descrever em tantos modos, pode falar em tantas línguas, pode agir em matemática como em música etc. (Meneghetti, 2014, p. 32, grifos do autor).

Ressalta-se o excerto “capacidade analítica e sintética da inteligência” e o seu problema de pesquisa: responder *o que é e por que é*. O *por que* indica tanto sua *causa* quanto o seu *fim*. Deste modo, o homem existe para ser homem, a árvore para ser árvore, a vida para ser vida. O contraponto é que tudo aquilo presente no indivíduo humano mas que lhe é oposto ao seu bem-estar, crescimento e satisfação existencial, *não lhe é próprio*, mas é outra ordem, outra causa e, portanto, outro fim. Isto é, com *este* rigor filosófico, ou melhor, com esta *exatidão* filosófica é possível realizar uma outra ciência, uma outra arte, uma outra sociedade.

Conclui-se este subcapítulo com a seguinte afirmação de Antonio Meneghetti:

A filosofia – e aqui está o desafio – é a única ciência capaz de autofundar-se (Meneghetti, 2014, p. 190, grifos do autor).

Portanto, segundo o autor, a filosofia é a única disciplina de conhecer o real capaz de dar o fundamento de si própria. Isto é, “ciência” neste contexto implica “Saber como age o ente. Saber a ação do ser. Saber a ação por como o ser ou a natureza a põe e a gere” (Meneghetti, 2022, p. 57); não se refere ao campo do conhecimento denominado “filosofia”, mas sobre o conhecimento acerca do real. Quando a ciência responde à pergunta “como é”, está estudando a ação do ser, isto é, a existência; a filosofia, exceto quando indaga o ser em si, está igualmente conhecendo a ação do ser. Deste modo, “saber a ação do ser” indica conhecer qualquer real, seja ele “o que”, “por que” ou “como”.

A filosofia funda a si mesma porque é ciência do intelecto, da razão. Assim, o seu fundamento são os primeiros princípios racionais, os quais não se pode negar (Meneghetti, 2015). Esses princípios são a base de qualquer saber – “o todo é maior do que a parte”, “o ser

não pode ser e não ser ao mesmo tempo” etc. – e são estudados em racionalidade ontológica, como se verá na seção 3.2.3 *Racionalidade ontológica*.

A seguir, estuda-se o significado de *Ontopsicologia*, de modo a conduzir ao entendimento de o que é uma filosofia ao modo da Ontopsicologia.

2.1.2 O significado do termo “Ontopsicologia”

Etimologicamente, deriva do grego *ontos* + *psýche* + *logia*. Respectivamente, *do ser* + *sopro de vida* + *lógica/discurso*. Assemblando as partes, tem-se *a lógica do mover-se vital do ser*, ou então, *a lógica do ser nas suas individuações*. Isto é, o ser em si, uno, se especifica em múltiplas individuações – ser humano, árvore, campo, riacho; Fulano, Ciclano, Beltrano etc. O estudo do ser individuado enquanto atividade psíquica – sopro de vida – chama-se *Ontopsicologia* (Meneghetti, 2021), enquanto que o estudo do ser individuado chama-se *ontologia* (Meneghetti, 2014), e o estudo do ser em si se chama *metafísica* (Meneghetti, 2014). Essa é a especificação dada pelas partes constituintes dessas terminologias.

Ademais, *ontologia* indica lógica daquilo que é *ontos*, isto é, *ons* que significa *esse*, *ens*, isto é, ser + *títhemi*, isto é, lugar, concretização daquela intencionalidade, informação ou essência não material. Deste modo, *ontologia*, à rigor, é o termo justo para se usar quanto ao ser existente. Por outro lado, *metafísica*, do grego *metá* + *phýsis*, significa aquilo que está além da natureza concreta e, portanto, atém-se de modo mais íntimo ao ser em si. Não obstante, o ser em si é vivido, pelo ser humano, por meio das suas individuações, manifestações, existências. Assim, tem-se que tanto *ontologia* quanto *metafísica* são termos empregados ao estudar tudo aquilo que se refere ao ser.

Tendo esta premissa, retornando ao termo *Ontopsicologia*, segundo Antonio Meneghetti (2021, p. 199), trata-se de “Pesquisa sobre a atividade psíquica na sua causalidade primeira. Pesquisa sobre o projeto lógico elementar que preside à atividade e fenomenologia psíquica”. Como visto na seção anterior, a causalidade primeira será o ser, de onde eclode a partícula *onto-*. Depois, *psýche* indica o escorrer do ser em existência, em fenômeno, em mover-se. Eis que *Ontopsicologia* é a ciência da essência, identidade ou inseidade do ser e das suas manifestações em ótica ontológico-metafísica.

O rigor ontológico apresentado por Antonio Meneghetti permite e sustenta a individuação racional das três descobertas da Ciência Ontopsicológica, cronologicamente: campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão. Essas três descobertas, aliadas ao método racional indutivo-dedutivo, constituem o diferencial crítico da Ontopsicologia: o método ontopsicológico (Meneghetti, 2022). Por meio desse método, que se autovalida, pode-se validar qualquer saber, bem como, pode-se alcançar qualquer resultado de realização humana.

Corroborantemente, o escopo ou fim último da Ontopsicologia é a realização humana (Meneghetti, 2022), entendida em todas as suas dimensões: pessoal, profissional, social. Todas as demais dimensões pensáveis podem ser incluídas nessas três – como, por exemplo, dimensão artística, afetiva, sexual, econômica, financeira, espiritual etc. Assim, com esse método e esse escopo, a Ontopsicologia trabalha com a atividade psíquica, o seu objeto de estudo. Simultaneamente, ela possui diversos instrumentos de análise e de intervenção.

Um dos principais conceitos dessa ciência é *autenticação*, que nesse âmbito significa pôr-se igual à ação ôntica que se é (Meneghetti, 2021). Toda a Ontopsicologia tem o propósito de autenticar o indivíduo, reportando sua consciência à lógica do seu Em Si ôntico individual, evadindo das distorções do monitor de deflexão. Uma vez que para seu entendimento, bem como para o entendimento e execução da filosofia ontopsicológica, é de crítica importância entender as suas três descobertas, estas serão explicadas a seguir.

Campo semântico: “*comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individualizações*. Transdução de forma ou informação sem deslocamento de energia” (Meneghetti, 2021, p. 45, grifos do autor). Refere-se ao fato físico de emissão-recepção de informação que, sucessivamente, modula o modo do real físico material e energético. Isto é, trata-se da essência do real quando interceptada ou observada *antes* de fenomenizar-se como matéria ou energia. Como quando o homem entende a sua identidade ôntica: essa identidade é uma informação; do mesmo modo, é-se capaz de entender tantas outras identidades, tantas outras informações, dos negócios à arte à gestão pública de uma nação.

Em Si ôntico: “Princípio ôntico existencial no homem. Projeto-base de natureza que constitui o ser humano. Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (Meneghetti, 2021, p. 92). Trata-se da descoberta do núcleo intencionante da individualização homem. Entende-se como a ordem natural e apriorica que determina o ser humano do modo como é, diferenciando-o de todas as outras coisas existentes não-humanas. Ao mesmo tempo, é o critério de positividade ou negatividade referente ao humano, isto é, com a descoberta do Em Si ôntico distinguem-se as benevolências e as maledicências do indivíduo humano. Por exemplo, toda doença é uma forma diminutiva do homem e, portanto, incondizente com o seu Em Si ôntico. Simultaneamente, a doença pode ser usada como sintoma indicativo do erro ou perigo em ato a ser extirpado, de modo a preservar a sanidade e totalidade do projeto natural e vivente do indivíduo.

Por fim, monitor de deflexão: “Do latim *moneo*, *monitor* = que sugere, que corrige, que censura, que notifica. Do latim *deflecto* = desviar, mudar a estrada, virar para outro lugar. Engenho psicodélico deformados das projeções do real à imagem” (Meneghetti, 2021, p. 183, grifos do autor). Identifica-se como um agregado especular adjunto às sinapse cerebrais, como um software instalado no hardware original de um computador. Em específico, trata-se de um software que se ativa diante de ações importantes do indivíduo, desviando, sugerindo, corrigindo, censurando sua ação de modo a reformá-la a uma já predisposta, já definida. Entende-se como uma mecanização dos processos de ação passiva e ativa – ação de *input* e *output* –, isto é, respectivamente, das ações de receber, decodificar e entender uma informação, e de emitir ou realizar uma ação de dentro de si para fora de si – de emitir uma informação ou um ato energético-matérico.

Sumariamente, adjuntando-se ao método racional indutivo-dedutivo as descobertas da Ontopsicologia em seu inteiro teor, é-se capaz de realizar a mais robusta, mais completa, mais decisiva, mais verídica, mais fundamental e mais alta filosofia. Sobretudo, e mais importante, está-se em condições de realizar uma filosofia integralmente conforme ao ser, em que *A* significa *A*, em que *homem* é entendido como *homem* e, ao final, em que o ser humano é tratado, vivido e (auto)realizado com humano. É crítico hoje o problema do homem dividido: uma vez que há o monitor de deflexão deformando a perfeição projetual humana, incorre a necessidade absoluta de autenticar o homem, do contrário, o próprio homem continuará a

realizar a si mesmo conforme lhe orienta o monitor de deflexão. Se não autenticado, o homem será sempre doente, falido, infeliz, cindido do ser. Se autêntico, ser-lhe-á íntima a vitoriosa glória, da saúde à riqueza, da total beatitude do ser, quando realizado ao seu pleno.

Na seção a seguir adentra-se de modo específico e aprofundado na filosofia ontopsicológica proposta por Antonio Meneghetti.

2.2 Adentrando na filosofia ontopsicológica

Como anteriormente visto, a filosofia ontopsicológica é a disciplina ou ciência da filosofia ao modo da Ontopsicologia. Antonio Meneghetti, como primeiro grande cientista da Ontopsicologia e seu formalizador, utilizando a metodologia por ele apresentada, forneceu numerosas páginas ao sabor da filosofia Ontopsicológica. Ou ainda, enquanto autêntico filósofo – subseção 3.2.2 *O filósofo* –, empregou a racionalidade ontológica com aporte ontopsicológico – subseção 3.2.3 *Racionalidade ontológica* – para reimpostar a filosofia – seção 3.2.1 *A reimpostação crítica da filosofia*.

Posicionando conceitualmente como premissa para o aprofundamento,

[...] a filosofia, segundo a cultura existencial, parte do problema do homem, o homem no eterno estresse de Sísifo e de Tântalo, o homem sempre no labirinto da dúvida, e é assim também segundo a cultura fideístico-religiosa, a qual se baseia na premissa de que o homem está no pecado. Ao contrário, a pesquisa da Ontopsicologia parte do homem como Em Si ôntico, de um fato ótimo, porque assim é a criação. As coisas no seu núcleo se abrem vencedoras, e só sucessivamente se veem as desacelerações, as intervenções que alienam esse núcleo da própria virtualidade histórica (Meneghetti, 2022, p. 502).

Isto é, difundidamente na cultura humana histórica que se tem registro neste planeta, tem-se que a filosofia jamais foi baricentrada no projeto ôntico do ser humano. Somente este é capaz de fornecer a ótima resolução ao homem quando em contexto existencial. Assim, a Ontopsicologia reposiciona o *critério criteriante*, isto é, o primeiro critério de toda existência humana – o Em Si ôntico –, sobre o qual pode-se fazer qualquer ação com ganho situacional ótimo para a realização existencial da identidade ôntica do homem.

Com essa premissa, adentram-se os quatro principais eixos da filosofia ontopsicológica, enquanto identificados nesta pesquisa.

2.2.1 Ontologia e Metafísica

Filosofia ontopsicológica pressupõe ou inclui uma retomada da ontologia ou metafísica. No seu interior esta é compreendida de modo clássico e, por isso, cabe consultar os principais conceitos e concepções da ontologia clássica ou, como numerosas vezes se encontra, da metafísica. Houve a época em que dividia-se a filosofia em: *filosofia primeira* ou *metafísica*, e *filosofia segunda* ou *física*. Essa divisão remonta a Aristóteles e, depois, muitos filósofos e historiadores da filosofia adotaram o termo *metafísica* ao tratar da filosofia pura.

Para realizar um estudo da ontologia ou metafísica deve-se remontar a Parmênides, Aristóteles, Tomás de Aquino e também Husserl. Uma síntese sobre suas contribuições, que ao final compõem a essência da ontologia, por assim dizer, encontram-se a seguir:

Encontra-se em Parmênides que “*conhecer e ser* são a mesma coisa, porque o conhecimento é verdadeiro apenas se é conhecimento daquilo que é” (Carotenuto, 2009, p. 13). Ademais, Antonio Meneghetti (2022) considera que a célebre frase “o ser é, o não-ser não é” constitui-se o fundamento de toda a ontologia, bem como, de todo o saber. Segundo o autor, esse seria um dos sábios que contactou com intimidade o que é o ser.

Aristóteles une física e metafísica na concepção de hilemorfismo, em que “*a alma é forma e ato de um corpo vivente e dotado de órgãos*” (Carotenuto, 2009, p. 22). Isto é, aquilo que é físico tem a sua forma dada por um elemento invisível e não físico. Esse elemento, em Antonio Meneghetti, considerar-se-á como *identidade ôntica*, ou ainda, *identidade de natureza*. Trata-se de conceito análogo àquele de *lei da natureza* ou de *constante da natureza*, em que considera-se uma ordem natural que faz com que matéria e energia sejam do modo como são.

Ademais, Aristóteles conceitua que o homem contacta e compreende, seja intelectualmente ou sensivelmente, a *forma* do objeto de conhecimento, e não o objeto em si (Carotenuto, 2009, p. 24). Ou seja, segundo o autor, infere-se que todo saber é saber ontológico. Deste modo, sabe-se e distingue o que é “*árvore*”, mas não é necessário analisar cada nova árvore que se encontra para enfim saber dizer se aquele objeto se trata de uma árvore. Isso significa, portanto, que o homem é capaz não apenas de conhecer o “*real*” – que pode ser entendido como *res*, isto é, *coisa concreta* –, mas que é capaz de conhecer a essência do real, a identidade de natureza das coisas que existem.

Ainda segundo Aristóteles (2015), cabe entender que ao falar *natureza* e ao falar *causa*, entre outros significados, tem-se aquele do primeiro princípio de algo, o qual coincide com a finalidade deste algo. Esse posicionamento será visto também em Meneghetti (2015; 2014). Aristóteles (2015) fala sobre o uno – ou sobre o “*um*” – de modo que quando coisas múltiplas são idênticas entre si por uma substanciação em comum, elas constituem-se, neste nível, como uno. Deste modo, uma vez cada coisa que existe é *existente*, logo todas as múltiplas coisas existentes são unas entre si. Compõem, assim, a *existência*. Depois, cada coisa que é e que pode, portanto, ser pensada, indagada, cogitada, imaginada, vista, vivida ou tocada, é, e porque cada coisa que é é, então todas elas constituem um único uno. Mais adiante neste estudo se verá como Meneghetti sustenta que a unidade em ser é determinante para o saber: o homem é, e por isso, pode saber; e se o homem sabe, sabe porque é. Finalmente, sobre Aristóteles, não se pretende concluir o estudo da sua obra nestas breves linhas e, decorrentemente, para uma análise completa seria necessário estudar em inteiro teor a sua obra *Metafísica*.

De Aristóteles (2015) a Tomás de Aquino (2004) tem-se que “*nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*”, isto é, ambos explicitam a unidade entre o saber sensível e o saber intelectual. Notavelmente, se o ser se manifesta em palavra, em pensamento, em ação ou em matéria, continua sendo o mesmo ser e, por isso, a informação-base é a mesma, apenas o canal de comunicação, por assim dizer, é outro. Na racionalidade ontológica de Antonio Meneghetti, mais adiante, se verá como a evidência passa da concepção de intelectual para intelectual-orgânica, e esse conceito se reforça também de modo processual ou metodológico. Ainda, Aquino (2004) afirma que o objeto de desejo do intelecto é sempre algo universal, e por *universal* chega-se ao uno: em última instância, o intelecto humano tende sempre à sua eternidade no ser, ao qual pertence integralmente.

Há que se mencionar Scotus, segundo o qual o homem participa do ser – ou Deus – por *analogia*, isto é, em parte lhe é igual e em parte lhe é diferente. Antes de Scotus considerava-se que, uma vez que o homem é feito do ser, ele é, então, ser. De fato o homem é, porém difere no modo: o Ser Absoluto é o Ser Absoluto, e o ser humano é o ser humano. Este participada daquele, que lhe intenciona, mas ambos são em parte iguais – ambos são – e em parte diferentes entre si. Ainda quanto a Scotus é importante nesta sede ressaltar o conceito de *haecceitas* ou *ecceidade*. Trata-se simplesmente da “perfeição de ordem ontológica” da individuação do ser no aqui e agora que causa o fenômeno daquele específico modo (Carotenuto, 2009, p. 54), conceito que Antonio Meneghetti (2022) depois evolui para Em Si ôntico, em âmbito científico e com novas descobertas e demonstrações.

Por fim, dos principais autores propedêuticos à ontologia ou metafísica de Antonio Meneghetti, poder-se-ia citar Husserl (2006), o qual pauta a *crise das ciências* trabalha para a refundação destas. Segundo ele, a crise da razão científica advém do objetivismo fiscalista com que as ciências têm sido operadas. Nesse ínterim Husserl propõe a *fenomenologia transcendental* para chegar a “*conhecer as coisas assim como se apresentam de modo originário à consciência*” (Carotenuto, 2009, p. 239), buscando aquela coincidência entre ser e saber. Sua proposta é aquela de retornar ao mundo-da-vida, isto é, ao mundo operado pelo ser, deixando para trás a ignorância escolhida do objetivismo fiscalista matemático. Por fim, Antonio Meneghetti (2022, p. 562) se vale da crítica de Husserl ao imposter a Ontopsicologia como “o encontro operativo como radicalidade do homem no mundo-da-vida”, afinal, segundo o autor, “o Em Si ôntico já está no mundo-da-vida ou ser total”.

Cabe mencionar contribuições de outros autores, estudiosos de Ontopsicologia quanto ao tema da ontologia ou metafísica. Zenorini (2021) postula que por meio do uso da descoberta científica do Em Si ôntico o indivíduo passa a ter em mãos a capacidade técnico-racional para operar em conformidade à sua identidade ôntica, colhendo seus respectivos frutos de realização. Isto é, o Em Si ôntico consente o nexos ontológico: reversibilidade entre consciência e ser (Meneghetti, 2022; Zenorini, 2021).

Schaefer (2016, p. 199) afirma que a filosofia perene – ontológica, universal – trata-se de “conhecimento propedêutico à compreensão e consequente aplicação da ciência ontopsicológica”, resultando na capacidade operativa do nexos ontológico. Com Carotenuto (2009, p. 278) tem-se a concepção de que “*o ser [...] revela-se em uma compreensão antropocêntrica*, ou seja, compreensível pelo homem, no homem, através do homem”. Em ambos os autores se identifica aquele conceito de Meneghetti segundo o qual a reversibilidade ser-consciência se tem não apenas a partir da posição existencial do homem, mas também a partir do fato homem que se é. Depois, com Vidor (2023), entende-se que com a exatidão de consciência garantida pela Ontopsicologia e com sua aplicação metodológica é-se capaz de realizar ciência de fato, exata, íntegra.

Como afirma Chikota (2023, p. 107), “temos que avançar com a responsabilidade de alcançarmos o ‘Eu Sou’, sem as interferências alheias, e a Ontopsicologia tem a técnica para isso”. Isto é, novamente a filosofia adquire um caráter não apenas contemplativo, mas mais importante, adquire o caráter de técnica intelectual-racional para individuar momento a momento o ser em ato existencial. O autor pontua a responsabilidade individual para evadir às interferências alienantes, e para realizar o porvir exclusivo da própria identidade ôntica.

Um último comentário sobre Zenorini (2023), sendo pertinente compreender dois aspectos. O primeiro é que “*Anima est quodammodo omnia*” (Aquino, I, q. 14, a. 1; q. 16, a. 3), isto é, quanto mais se é a si, segundo a totalidade do próprio ser, tanto mais se abraça aquele mundo-da-vida perene do ser que o circunda, seja espacial que temporalmente. O segundo é que é necessária uma razão científica disposta a analisar todos os fatores do real, ao invés de eximir-se do estudo de algumas buscando validar apenas outras, objetivamente mais fáceis, quantitativamente mais fáceis. *A maior obra requer o maior empenho*, e o empenho para saber o ser que é a cada momento é aquele do miricismo cotidiano: fazer bem as próprias coisas, viver a própria vida em exatidão de natureza. Deste modo, segundo Zenorini (2023, p. 121), é-se capaz de “sustentar e realizar [...] o nexu ontológico, a possibilidade do uno em mim, para a livre manifestação do ser”, porque o ser simplesmente acontece, simplesmente se dá, mas é preciso estar conforme a ele para sabê-lo e para sê-lo.

Comentários conclusivos quanto à ontologia ou metafísica podem ser tecidos sobre as obras de Jolivet e Mondin. Primeiramente, Jolivet (1965), além de reafirmar a importância unitária da terminologia – isto é, ao invés de atribuir sentido às palavras conforme às próprias concepções, atribuir-lhes sentido conforme *a própria palavra* escolhida para compor o termo –, ele traz ainda o conceito de metafísica como distinta em três partes: (1) ontologia: ciência do ser em si; (2) teologia natural: a busca pela causa do ser universal; (3) crítica do conhecimento: é preciso ciência psicológica para produzir saber ontológico, isto é, precisa-se de conhecimento sobre *como o homem conhece*.

Finalmente, de Mondin pode-se elementarmente evocar o seguinte excerto:

Grande è l'importanza della metafisica e della sua storia a causa dei problemi di cui si occupa: sono infatti i massimi problemi che da sempre angustiano l'intelligenza umana: il senso della nostra esistenza e della storia, l'origine del mondo, l'esistenza di Dio, la causa prima di tutto ciò che è, la verità dell'essere, i fondamenti ontologici della morale, il valore della persona ecc. Questi sono problemi di vitale importanza che interessano tutti e non solo pochi specialisti come certi problemi di matematica, fisica, geometria, chimica, astronomia ecc. Trovare la soluzione di questi problemi e conoscere la Verità reca all'anima grande gioia, serenità, pace, felicità (Mondin, 1998, p. 9).

Isto é, a metafísica é o saber que se ocupa dos únicos problemas que acometem em angústia a todos os seres humanos: os problemas da carência de evidência sobre a origem, o fim e o sentido de si e do mundo. Problemáticas de ciências técnicas como química ou geometria interessam aos experts dessas áreas, mas não são basilares nem transversais a todos os homens. Mondin (1998, p. 9, tradução nossa) conclui seu pensamento com a afirmação de que “encontrar a solução desses problemas e conhecer a Verdade confere à alma grande alegria, serenidade, paz, felicidade”. Sumariamente, assim como os outros grandes da metafísica, ele possui e verbaliza a tranquila evidência da plena satisfação existencial que se obtém ao se encontrar o ponto metafísico causal: aquela causa que é também sentido e fim.

Na próxima subseção, explora-se o tema da racionalidade ontológica conforme apresentada por Antonio Meneghetti.

2.2.2 Racionalidade Ontológica

Primeiramente, racionalidade é *razio* aplicada, isto é, o ato de mensurar algo. Se é ontológica, como já visto em seu significado particular, então é uma *razio* em reversibilidade entre ser e saber, entre consciência e ser. Isso significa que caso o homem entenda a si mesmo como “forte”, então de fato ele é forte. Por outro lado, segundo o autor (Meneghetti, 2015), o fato constatado ao longo da história é que o homem não se conhece, isto é, pensa a si mesmo de modo distônico a como é. Portanto, quando o homem se pensa “forte”, ele *projeta* ou *imagina* ou *fantasia* um modo de “forte” que, de fato, ele não é; ao mesmo tempo, a sua força nativa, abundante, fica esquecida, relegada ao seu inconsciente e jamais atuada.

No caminho da solução da racionalidade humana histórica, apresenta-se a *racionalidade ontológica*, um dos quatro principais eixos da filosofia ontopsicológica enquanto estudada nesta pesquisa. Antonio Meneghetti traz alguns pontos cardinais sobre este tema, os quais serão explorados a seguir.

1. “*Existo, portanto sou*” (Meneghetti, 2015, p. 173, grifos do autor). A partir do momento em que se existe, é inegável a própria existência e, portanto, é inegável que se é. Um modo de conferir se algo *é* ou *não é* – porque às vezes pode ocorrer uma dúvida quanto a “o que é *ser*?” –, é perguntar: *o que é isto?* Pronto! Porque se pôde perguntar *o que é*, significa que há um ser e, porque há um ser, pode-se indagar este ser. Pode-se não saber muito sobre ele, mas sabe-se que ele está lá. Ou ainda, mesmo que se perguntasse “o quê?”, sem o verbo ser, ainda é clara a existência da pergunta e dos seus constituintes “o” e “que” e, portanto, algo há ali. Isto é, se algo existe, algo é. Se existo, portanto sou! Ademais, disto Antonio Meneghetti (2015, p. 173) pauta que “se existo, eu posso!”, ou seja, se sou ser, se sou no ser, posso o ser, porque *poder* também é *ser*.

2. “*A evidência é ação do real na minha presença*. ‘Evidência’ significa que é o real em si que se presencia a mim: ‘Tu homem, na tua ecceidade, és a mim, és real como sou real eu’” (Meneghetti, 2015, p. 174-175, grifos do autor). Como afirma Silva (2022), uma grande novidade da filosofia ontopsicológica é a evidência organísmica, enquanto que na filosofia tradicional a evidência é entendida apenas em modo intelectualivo. Organísmica significa que é uma evidência que se tem simultaneamente via intelectualiva e via corpórea (Silva, 2022; Meneghetti, 2021), isto é, o organismo humano reverbera a mesma informação que o intelecto apreende. Neste segundo ponto tem-se o real do ser que se faz evidente, ou seja, se faz cognoscitivamente real ao homem, tanto em sede intelectualiva quanto em sede corpórea. Cabe então ao indivíduo colher essa informação em sua ecceidade.

3. “*A consciência do erro (colhe-se a deformidade entre o real e a consciência) também certifica a priori que eu sou e posso conhecer a conformidade do nexa com o ente*” (Meneghetti, 2015, p. 175, grifos do autor). Visto que se pode perceber a disformidade, é natural que se possa perceber a conformidade. Ou ainda, diante do disforme sabe-se que é disforme porque sabe-se reconhecer a (con)(dis)formidade, isto é, a pertinência da forma ao seu ato realizante. Ademais, isso significa que o homem é capaz de operar seja autenticidade quanto inautenticidade. O homem que opera inautenticidade a uma outra individuação e o faz em prol do seu próprio projeto ôntico-existencial está sendo autêntico em si e para si, mesmo se um natural predador para a outra individuação. Com isso entende-se esclarecer que *bem* e

mal são relativas a cada identidade ôntica. O outro grande ponto a ser ressaltado aqui é que *o homem pode autenticar o homem*, e talvez esta seja uma das mais belas ações possíveis.

4. “*Até mesmo o peremptório relativismo (a verdade [...] não existe para o homem) funda-se aprioricamente no fato de que a verdade existe*” (Meneghetti, 2015, p. 175, grifos do autor). Segundo o autor, é-se real seja no acerto que no erro, seja no bem que no mal, seja no prazer que na dor. Ontologicamente, se há o não-real, é necessária a existência do real; isto é, se há o falso, a própria existência do falso implica na existência do verdadeiro, de modo que aquilo que não é verdadeiro é, portanto, falso. Isto é, pode-se relativizar se há objetos para torná-los relativos entre eles, ou ainda, se há verdades para relativizá-las entre elas.

5. “*Se o homem não conhece, é arbítrio contra a natureza (que a todos dá o próprio específico habitat, etc.); é negação da sua identidade (que exige conformidade ao próprio modo); é contradição do ser que põe um existente fora de conformidade ou em contradição*” (Meneghetti, 2015, p. 175, grifos do autor). Este é talvez o ponto crítico: a causa da árvore é o ser árvore, e o escopo da árvore é igualmente ser árvore, mas agora de modo concreto, existencial, realizado. Isto é, cada individuação do ser tem uma lógica única: realizar a sua essência. No momento em que uma essência ou identidade ôntica não é realizada existencialmente, isso depende exclusivamente de um fator existencial obstruinte. Esse fator, no caso humano, é sobretudo o monitor de deflexão. Por isso, uma vez que a consciência do homem esteja autenticada e o homem autonomamente evada das interferências desse mecanismo, revela-se – ou liberta-se – a tranquila estrada do devir aporético ôntico.

Sumariamente, do quanto exposto nesta subseção, pode-se sintetizar que racionalidade ontológica é o pensar em reversibilidade entre consciência e ser. Conjuntamente, que essa reversibilidade depende de um processo de autenticação, feito com responsabilidade, e mantido com responsabilidade pelo indivíduo ao longo da sua vida. No momento em que o sujeito desresponsabiliza-se, sobrevém o mecanismo desviante. Disto isto, a estrada do homem parece ser uma: contínua responsabilidade para a autenticidade.

Na seção seguinte explora-se o tema do operador de filosofia na visão de Antonio Meneghetti, partindo também do grego clássico.

2.2.3 O filósofo

Partindo do entendimento etimológico do grego clássico, assim se define o φιλόσοφος (*philosophos*):

1 que ama, pesquisa *ou* pratica uma arte *ou* uma ciência: φ. ἀνὴρ XEN. *homem filósofo*, φ. φύσις PLAT. *natureza inclinada às coisas do espírito* **2** que possui um caráter científico *ou* filosófico: φιλόσοφοι λόγοι PLAT. *estudos filosóficos, ou* ISÓCR. *discursos eruditos* - ὁ φιλόσοφος **3** aquele que ama o saber, o conhecimento, que ama as coisas do espírito; homem instruído; filósofo **4** professor de retórica **5** aquele que se ocupa dos assuntos da natureza, da busca da verdade: filósofo: φιλόσοφοι τὴν φύσιν *ou* φύσει PLAT. *filósofos por natureza* **6** o filósofo, *ref. a Aristóteles* **7** pessoa que leva vida austera **8** *críst.* asceta - τὸ φιλόσοφον **9** conhecimentos filosóficos; filosofia **10** maneira de viver de um filósofo. <φίλος, σοφός> (Malhadas *et al.*, 2022, p. 1173, grifos das autoras).

Nota-se sua derivação dos termos φίλος (*philos*) e σοφία (*sophía*), já definidos. Sumariamente, etimologicamente se refere a um indivíduo que se distingue por uma tendência intelectual e/ou espiritual, com amor pelo saber.

Segundo Aurélio (2004, p. 899), o termo *filósofo* indica “[...] Aquele que cultiva a filosofia [...] Aquele que procede sempre com sabedoria e reflexão [...] Aquele que vive tranquilo e indiferente aos preconceitos e convenções sociais [...]”.

Antonio Meneghetti, por sua vez, assim explica quem é o filósofo:

“Filósofo” é o *estudioso das fenomenologias enquanto atinentes ao ser*, é aquele que estuda e observa a existência, as coisas por quanto possuem relação com a essência causal de tais fenomenologias. O filósofo chega ao *quem*, ao *porquê*, ou seja, ao *quem é*. Todos os outros estudiosos limitam-se a fazer descrições (Meneghetti, 2014, p. 193).

Na perspectiva do autor, o filósofo não se limita às correlações entre os aspectos existenciais, fenomênicos, materiais, históricos etc. daquilo que estuda. Um biólogo, por exemplo, busca o conhecimento somente em sede material. Do mesmo modo um químico e um físico. O filósofo, porém, busca o cognoscível metafísico daquele evento ou fenômeno físico: a sua causa essencial, a natureza intacta, a sua ordem ou lei natural que define “este é um ser humano, e tudo o mais não é; ele se distingue de tudo o mais por isso, isso e isso”. Existe uma identidade de natureza que define o que é um ser humano, o que é um átomo de ouro, o que é a lei ou força ou aceleração da gravidade, e o filósofo especifica essa identidade, esse *quem é* ou *o que é*, essa causa que tem ínsito o seu *por quê* e *para quê*.

Além desta definição, Antonio Meneghetti também aponta que “para ser um filósofo autêntico, ele deve demonstrar a si mesmo que tem três prerrogativas”, de modo que “com estes três dotes, tem a capacidade de técnico do saber conforme a tudo que é ontológico” (Meneghetti, 2014, p. 193). Estes pressupostos são os seguintes: (1) *capacidade de natureza*; (2) *consciência exata*; (3) *tirocínio racional constante*. Estes podem ser assim explicados:

1) *Capacidade de natureza*: “é necessária uma diversa capacidade nativa” (Meneghetti, 2014, p. 194). Isto é, o indivíduo precisa ser dotado por natureza – “nativa” – de um potencial – “capacidade” – específico – “diversa”. Do mesmo modo que há um talento ou potencial natural específico para ser empresário, para curar, para ser músico etc.

2) *Consciência exata*: “o problema das escolhas de um sujeito, em qualquer campo, depende sempre da consciência que se formou e sobre a qual ele baseia, de modo unívoco, todo o próprio universo de sentidos, *business*, metafísico; ou seja, conforme o Eu lógico-histórico foi formado [...]” (Meneghetti, 2014, p. 194, grifos do autor). Isto é, o indivíduo age – vê, entende, opera – por como foi formado situacionalmente o seu Eu histórico consciente.

No que se refere à consciência do operador de filosofia, esta deve ser duplamente verificada, purificada, autenticada. Isto é,

Para entrar na visão ôntica [...], na capacidade racional do ser, [...] o filósofo [...] deve fazer *duas metanoias*:

- uma de autenticação de si mesmo como ser humano, realizando o próprio Eu lógico-histórico em conformidade com o próprio Em Si ôntico;
- uma segunda metanoia para “purificar” o próprio Eu lógico-histórico também do *Eu coletivo-do-social* (Meneghetti, 2014, p. 195-196, grifos do autor).

Isso significa que o artesão da filosofia deve autenticar-se enquanto indivíduo humano, isto é, como *homem entre os homens*. Essa primeira metanoia consente identificar e realizar, momento a momento, aquela ação que (mais) lhe realizará. Ao mesmo tempo, essa lhe confere “a sintonia em uníssono entre intencionalidade de natureza e compreensão lógico-histórico-existencial” (Meneghetti, 2014, p. 195).

Depois, a segunda metanoia é aquela do “*Eu lógico-histórico coletivo*” (Meneghetti, 2014, p. 195), por meio da qual o filósofo “deve compreender a filosofia conseguindo deixar de usar a linguagem da sociedade” (Meneghetti, 2014, p. 195). Trata-se de ab-reagir o superego social dos próprios processos mentais, ou seja, superar ou transcender cada estereótipo, cada preconceito, cada pudor, cada valor, cada *forma mentis*, cada modo de ver, de pensar e de agir que se aprendeu do ventre social. Isso inclui superar inclusive o pensar sempre com a própria língua natal, que no caso dos nascidos no Brasil, é a língua brasileira.

O resultado da bem-execução dessas duas metanoias é que “com a sua capacidade indagadora, [o filósofo] deve entrar no em si puro em que a natureza é *naturans*, ou seja, em que ele mesmo é um objeto da natureza que ‘natura’, que constitui a si mesma, e em cada indivíduo é coligado com o ser transcendente” (Meneghetti, 2014, p. 196, grifos do autor). Neste ponto, o seu pensar é um perfeito ato de natureza, e o seu raciocínio é como o ser raciocinou a sua obra *existência*. O filósofo torna-se um ator social de nível superior, pois com sua ação é capaz de revelar o ser à consciência dos demais homens. Estes, uma vez iluminados, *tornam-se luz, e continuam a criação*². Essa dinâmica é transversal e constante na existência homem: quem age luz – intencionalidade do Em Si ôntico –, ativa luz; quem age vício, ativa vício.

3) *Tirocínio racional constante*: “a existência manipula os seres humanos momento a momento: existem referências, mas é preciso reencontrá-las a cada hora, porque a cada hora se muda biologicamente, emocionalmente” (Meneghetti, 2014, p. 196). O homem atento percebe a continuidade de mudanças que ocorrem em torno à sua existência, e pode então reagir a elas, se adequar, se adaptar, evoluir, progredir.

Por sua vez, o que significa o termo *tirocínio racional*? *Tirocínio* indica aprendizagem, aprendizado, experiência, prática (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, c2024); *racional* indica conformidade à razão (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, c2024), que por sua vez significa, em contexto de Ontopsicologia, “do latim *ratio* = razão, verificação. Faculdade de verificar o igual. Conjunto de princípios lógicos, com verificação na realidade, nas coisas, assumidos como categóricos de sucessivos conhecimentos” (Meneghetti, 2021, p. 238). Portanto, *tirocínio racional (constante)* é o contínuo aprender ou conhecer o real, de modo tal a poder fundamentar outros conhecimentos a partir deste. Na própria existência é-se permeado de constantes e variáveis, de continuidades e de variações: o tirocínio racional constante permite colhê-las à luz do intelecto, entendê-las, e com isto dar seguimento na própria ação criativa existencial.

Concluindo a seção sobre quem é o filósofo na visão ontopsicológica, tem-se que:

² Referência à poesia na abertura da obra *A arte de viver dos sábios* (Meneghetti, 2021, p. 6). Na poesia, “tornaram-se luz e continuaram a criação” aqueles que “colocaram entre o coração e a mente” aquilo que haviam recebido de um sábio. “Sábio” e “filósofo” são categorias diferentes: *sábio* é aquele que tem a evidência do ser e lhe é junto; *filósofo* é aquele que exerce o ofício filosófico.

O filósofo puro, aquele que tem paz, porque encontrou o sossego do ser, sabe que já está salvo dentro da eternidade do ser: o que ocorre fora – no seu corpo, pensamentos, consciência – é externo, estranho, nada. Ele é lá onde o ser vive, onde o ser é soberano perenemente vencedor, beatífico, e é por esse motivo que o filósofo verdadeiro, cujo Eu conseguiu reencontrar o ponto causal unitário, é a sumidade de um bem, que por sua essência é inalienável: ninguém, nada, *nem mesmo o ser* pode anular uma parte do ser. Soberana, estupefaciente consolação.

Eu sou no universo transcendente do ser sem ter nada: sou o ser que é. Não tenho pensamentos, sentimentos: tenho uma identidade – *Eu sou* – dentro da identidade do ser. Eu sou naquele ou naquilo que é (Meneghetti, 2014, p. 258, grifos do autor).

A dimensão do ser é aquela da eternidade e do paraíso, do todo perfeito e sem partes, sem início e sem fim. É aquela do infinito possível, talvez para além do cognoscível. Verdaderamente, o ser é algo talmente simples que é anterior, imanente, essencial até mesmo à eternidade, ao paraíso, ao infinito. Se o ser em si fosse eterno – “o ser é eterno” – seria já categorizado e, portanto, reduzido; de igual modo se fosse paraíso – “o ser é paraíso” – ou infinito – “o ser é paraíso”. A última redução ou essencialização do ser é que “o ser é”, e mesmo o uso das partículas “o” e “é” são já para além do último simples “ser”. Ao final, o ser em si é para além e antes inclusive da cognição humana, e não pode ser falado, escrito, pensado, do contrário, estaria igualmente sendo reduzido, especificado, definido, categorizado – “o ser é falado”, “o ser é escrito”, “o ser é pensado”. O ente homem, enquanto individuação do ser, especifica-se em última instância como um distinto *Eu sou*. Antes de si há o absoluto do ser, e depois de si há o todo da existência com as suas incontáveis contraposições, justaposições, dialéticas, contatos, conflitos, co-crescimentos. Conclusivamente, se o homem age e existe sempre por projeção – ou projeção –, que seja sempre projeção daquela morada eterna do *ser*.

2.2.4 Reimpostação crítica da filosofia

Primeiramente, segundo o autor, “a posição filosófica que apresento é possível graças às descobertas feitas em Ontopsicologia e sobretudo – diáfana – a maravilhosa descoberta do Em Si ôntico” (Meneghetti, 2014, p. 197). Ele aponta que para essa descoberta é necessário o uso do campo semântico, para distinguir as diferentes intencionalidades e informações. Com isto, “consequentemente, considerando essa pesquisa e essas descobertas, atua-se uma visão filosófica, diversa e precisa” (Meneghetti, 2014, p. 197). Isto é, a reimpostação crítica da filosofia, como propõe Antonio Meneghetti, é aquela de uma filosofia (re)feita com o uso ou a partir do conhecimento-base das descobertas da Ontopsicologia.

Após essa premissa, cabe considerar que somente “um constante recolocar-se no ponto consente verificar a própria autonomia de pensamento e de comportamento” (Meneghetti, 2014, p. 159). Isto é, autonomia em sentido, sobretudo, de liberdade ou evasão à interferência do monitor de deflexão. Segundo o autor (Meneghetti, 2014), o homem nunca verifica o critério do instrumento racional e, por isso, erra a racionalidade que usa. Uma vez que se é alterado pela incidência psicoespecular defletiva do monitor de deflexão, ou se está constantemente verificando e exatificando a si mesmo, ou entra-se à deriva da força mais ativa no momento. Se não estiver escolhendo e agindo voluntariamente, momento a momento

a indicativa sempre-renovativa do Em Si ôntico, cai-se no mecanicismo rígido, fixo do monitor de deflexão.

Este, contudo, não para sua ação se o homem deixa de verificar a si mesmo: pelo contrário, se reforça sinapticamente a cada erro de *autorresponsabilidade*. Isto é, precisa-se construir e reforçar as sinapses justas, aquelas que realizam o próprio Em Si ôntico, evadindo do reforço àquelas que concretizam, que fixam cada vez mais as duras indicativas robotizantes do mecanismo defletor. Dito de modo simples, é preciso beber a cada dia, a cada hora, a cada minuto ou a cada instante daquela eterna “fonte da juventude”, daquela perene fonte da vida que é o núcleo continuamente intencionante do Em Si ôntico. Na prática, é preciso flexibilizar-se continuamente quanto aos estereótipos, isto é, quanto aos modelos ou modos de pensar, de ver, de agir, de impactar, de sentir, de se relacionar etc. Sumariamente, é preciso constantemente flexibilizar os possíveis modos de ser. Uma vez flexibilizado, deve-se identificar a diretiva ôntica do instante e segui-la.

Depois, cabe compreender que “essa ciência [a Ontopsicologia] dá o espelho, a *projeção dos significados* entre Em Si ôntico, Eu lógico-histórico, Eu a priori, consciência, sociedade, monitor de deflexão etc. e delinea a sua hierarquia dinâmica” (Meneghetti, 2014, p. 160, grifos do autor). Por meio da Ciência Ontopsicológica o homem consegue perceber, entender e sintetizar o nexos de conhecimento exato: coincidência entre consciência e fato.

Ademais, “no processo de interiorização à busca última das coisas, o filósofo que está realizando a análise última possível deve, em primeiro lugar, *abstrair* – também de si mesmo – para identificar o em si da operação racional, psíquica, o em si da tensão” (Meneghetti, 2014, p. 160, grifos do autor). Isto é, para compreender e obter o saber mais profundo, mais essencial que depois formaliza qualquer real sucessivo, o operador de filosofia deve superar, transcender, relativizar inclusive a si próprio. O real em si e o ser em si não, para serem conhecidos, não podem sofrer a interferência nem mesmo da identidade histórica do sujeito. É como dizer que, mesmo caso se seja brasileiro, Deus, porém, não é brasileiro, e para ser conhecido de modo exato não deve ser visto ao modo do brasileiro. Não tendo superado tudo que os afetava, os filósofos da história não identificaram e isolaram o campo semântico e o monitor de deflexão e, por isso, decorre que teve-se “a constatação histórica do erro” (Meneghetti, 2014, p. 160).

Além disso, toda a posição da Ontopsicologia e da sua filosofia é originada no saber da causalidade *ser*, é centrada e finalizada no ser, ou seja, é uma posição de ser partícipe do ser: é-se continuidade do todo que é, e se sabe porque se é no todo que é (portanto, podem-se saber as coisas que são no todo que é). Disso decorre que é natural a concepção de *projeto perfeito por natureza*, isto é, de que desvios, infortúnios, insatisfações, angústias e demais antíteses à vida sejam oriundas de *outra fonte* que não o projeto ou identidade ôntica. Essa causa originante, essa centralidade e esse escopo no ser são opostas ao seu hipotético referenciamento no não-ser. Ser e não-ser são um *duo dinâmico* primordial, e sua dinâmica encontra-se em toda a existência, em qualquer *bit* existencial. Cada coisa na existência revela-se antítese de uma outra: dia-noite, seco-molhado, quente-frio, longe-perto etc. Ou ainda, dia e não-dia, seco e não-seco, quente e não-quente, longe e não-longo etc.

Aristóteles posicionara: “A é A e não pode não ser A”. Do mesmo modo, na infância a criança identifica-se como indivíduo através do confronto com tudo aquilo que “não sou eu”, isto é, com cada objeto ou pessoa com que entra em contato. Porém, contata o próprio

corpo e percebe “este sou eu”. Depois, percebe que “tenho um corpo, mas não sou o meu corpo”, e sucessivamente que “meu corpo é parte de mim, mas não é tudo o que sou”. Sucessivamente percebe a casa como extensão do próprio corpo, e assim com o carro, com o escritório, com a casa de campo etc.

Sumariamente, a dinâmica primordial *ser e não-ser* encontra-se em cada identificável existente. Pode-se nomear este como *duo dinâmico primordial* – evitando-se, assim, o jargão popular “dupla dinâmica”, que conferiria menos seriedade mas maior divertimento à concepção. Como explica Antonio Meneghetti, não há sentido em pautar-se no não-ser (Meneghetti, 2014). Por quê? Porque ter-se-ia sempre a síntese “eu não sou o outro, não sou o espelho, não sou a árvore, não sou o céu...”, e jamais ter-se-ia “eu sou eu, eu sou indagador, eu sou vital, eu sou vivente, eu sou semovente, eu sou belo, eu sou humano, eu sou alguém que erra mas que consegue ajustar-se” etc., e não haveria, por fim, o “eu sou!”.

Pautar-se no não-ser não seria nem mesmo niilismo, visto que para definir *o que é* precisa-se pautar no *ser*. Por isso também o niilismo é um ser: o que é o niilismo? Simples, é o niilismo; é um posicionamento, é *uma* filosofia, é um pensamento... mas *é*. Qualquer conhecimento, qualquer ação, qualquer fato, qualquer existente, qualquer ser é sempre... ser! Concomitantemente, cada algo que é, não é tudo o mais, ou seja, não é tudo aquilo que não é. Exemplificando, uma maçã é uma maçã, e não é tudo o mais: não é abacaxi, não é pêra, não é a outra maçã etc. Eis, a Ontopsicologia e a sua filosofia retomam com propriedade intelectual, de modo teórico, racional e técnico o primeiro princípio: o ser.

Por fim, é preciso compreender três pontos que, na visão de Antonio Meneghetti, impediram todos os filósofos da história de produzirem autêntica filosofia de modo completo. Compreendidos na concepção da “aplicação do método ontopsicológico aos princípios da filosofia real” (Meneghetti, 2014, p. 161), esses pontos são três:

1) “*Todo filósofo escrevia no interior de um sistema*” (Meneghetti, 2014, p. 161). Os filósofos não eram livres para expôr a completude do seu pensamento porque eram condicionados, por meio da aparente necessidade do salário, pela ideologia do sistema vigente. Esse sistema era a universidade em que trabalhavam, a sociedade da qual eram parte, a religião que imperava onde atuavam. Essa dependência do salário pode ser considerada não real se tendo em vista a amplitude de potência do Em Si ôntico individual, o qual é capaz de encontrar sempre a estrada ótima. Por outro lado, em uma sociedade muito rígida, ir contra o sistema é assinar a própria sentença de término de vida.

2) “Diretamente (mas também indiretamente, talvez por *reação* – mas em psicologia, amor e ódio, a favor ou contra, são ambivalências de uma única causa), na maior parte, *os livros dos grandes filósofos chegaram a nós graças à mediação curativa, impositiva do magistério considerado oficial naquele período, naquele século, naquela nação*” (Meneghetti, 2014, p. 161-162). Neste ponto o autor ressalta a prevalência do credo religioso – hebraico, islâmico, massônico, cristão etc. Ele indica Buda como um filósofo que conseguiu sair do fichamento do sistema. “...os livros foram sempre conservados por quem queria transmitir uma tradição que devia ser *indiscutível*” (Meneghetti, 2014, p. 162). Portanto, somado ao primeiro ponto de condicionando, há um segundo ponto de escolha e reforço, pelo sistema vigente, daquilo que o interessa. Deste modo, não se conhece, hoje, tudo aquilo que foi dito por Cristo ou escrito sobre ele, mas se conhece aquilo que foi escolhido para ser passado adiante, como outras pesquisas apresentam. Além disso, o próprio Cristo teve que falar de um

certo modo para poder comunicar, ser entendido e não ser censurado – ao menos para não ser censurado em um tempo demasiado curto que não permitisse alastrar a palavra de Deus.

3) Estrutura psicológica: “*nenhum filósofo preocupou-se em verificar a própria exatidão, nenhum deles havia feito de algum modo psicoterapia de autenticação*” (Meneghetti, 2014, p. 162). Deste modo, dentro das suas contribuições à sociedade, os filósofos sempre apresentaram também algo de esquizofrenia existencial (Meneghetti, 2014). Antonio Meneghetti faz uma ressalva a Platão. Segundo ele, “se tivesse descoberto o monitor de deflexão, teria centrado toda a filosofia” (Meneghetti, 2014, p. 163, em nota). Finalmente, desses três pontos resulta a inexatidão do filósofo e conseqüentemente da filosofia. Superados, pode-se ter o saber filosófico exato, isto é, coincidência entre ser e saber. Segundo Antonio Meneghetti, o ponto crítico ocorre sempre na consciência, devido à interferência provocada nesta pelo monitor de deflexão. A saída dada pela Ontopsicologia é sempre aquela: contínua responsabilidade para com a autenticação de si mesmo.

2.2.4.1 A filosofia ontopsicológica é feita com ciência da atividade psíquica

Como tópico especial, vale mencionar que filosofia ontopsicológica não se trata de um saber que se faz apenas com a racionalidade, com a lógica ou com o pensamento em sentido dialógico. Isto é, não é um conhecimento forjado por sínteses verbais, sejam elas escritas, faladas ou pensadas. É um saber que se faz com introspecção, ou ainda, com meditação introspectiva: com o intelecto, com a intuição, com a visão ôntica, mas também com a percepção do mover-se organísmico mais fino e sensível. É uma filosofia que nasce quando o Eu colhe a *sorgente* ou fonte de saber do Em Si ôntico. São os processos psíquicos mais sutis e profundos que emergem como *filosofia psicológica atinente ao ser*.

Esta síntese foi obtida a partir das seguintes colocações:

Primeiro momento: faço a pesquisa de todas as pulsões que nascem da minha ecciedade, vou até o fundo dos sinais do superego, realizo todos os percursos e desses vejo o limite (Meneghetti, 2022, p. 467).

Trata-se de uma pesquisa de introspecção psicológica. Pode ser entendida de modo imagógico, que é a verificação das imagens ou informações agentes no indivíduo no momento da análise ou introspecção imagógica (Meneghetti, 2021). Deste modo o homem pode colher quais imagens, quais informações, isto é, daquilo que ele focou no procedimento imagógico, quais coisas ele não alcança o limite, e de quais coisas, por outro lado, ele se confronta com o limite. Essa percepção se dá simultaneamente de modo intelectual e corpóreo. De modo mais avançado, a imagogia é um instrumento de intervenção da Ontopsicologia, utilizado para colher as informações agentes nos indivíduos ou em outros objetos de pesquisa selecionados (Meneghetti, 2021).

Segundo momento: cataliso em processos de ação aqueles processos dos quais vejo o limite e analiso os resultados que esses produzem na minha ecciedade (se diminuem ou não a minha angústia). Efetuo a verificação pelos produtos: faço uso do critério organísmico, cuja constante fenomenologia é a sanidade biológica (primeiro critério). O segundo critério é a autorrealização em todos os campos que escolho (Meneghetti, 2022, p. 467).

O segundo momento desse método investigativo é experimentar de modo prático aquilo que foi imagologicamente percebido. Conforme o resultado dessas práticas, tem-se o diagnóstico de quais são as estradas principais a percorrer, quais são os fatores acessórios a essas estradas e, até mesmo, quais são os pontos nodais a serem resolvidos.

Examinados todos os processos, somente de um não vejo o limite. Quando o elaboro, me dá congruidade, sanidade, confirma o quanto sou e o que sou. Ainda que me oponha a tantos estereótipos do social, de todo modo confirma a radicalidade do *Eu sou* e comporta três resultados: 1) congruidade no meu existir biológico; 2) congruidade no meu existir psicossocial; 3) me faz íntimo à radicalidade do Ser. [...] Chamo essa diretividade de *Em Si ôntico* (Meneghetti, 2022, p. 467-468, grifos do autor).

Este é o caminho do Em Si ôntico. Seus resultados, quando praticado, serão sempre sanidade e realização integral, isto é, em todos os âmbitos da própria vida. Esses três resultados incluem os aspectos de autorrealização em evolução, sanidade, prazer e criação (Meneghetti, 2022). Ou seja, por meio da realização da intencionalidade do seu próprio Em Si ôntico, o homem torna-se partícipe da criação do ser, sempre-nova a cada instante, sempre reconfirmante da própria eternidade, solaridade, edenicidade.

3 Considerações Finais

Por milênios o conhecimento tem sido uma das grandes satisfações existenciais do homem. Não por acaso chamado de homo sapiens, ele frui do sapere, isto é, saber com sabor. Porém, conhecimento verdadeiro é exclusivamente aquele em nexos ontológico: quando consciência e ser coincidem – problema que sinalizara Husserl ao afirmar a crise das ciências europeias. Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral elaborar uma síntese sobre a filosofia ontopsicológica, elucidando sua essência, suas características cardinais e suas contribuições. Como objetivos específicos, tem-se: (1) descrever o que é a filosofia ontopsicológica; (2) descrever como se distingue ou se especifica a filosofia ontopsicológica; (3) como se exerce a filosofia ontopsicológica; (4) qual é o fim / escopo da filosofia ontopsicológica.

Como resultado obteve-se a satisfação dos objetivos propostos. Em síntese, o principal aspecto diferencial da filosofia ontopsicológica evidenciado foi a retomada da ontologia ou metafísica clássica em conjunto com as descobertas da Ontopsicologia, que permitem a evasão às interferências alheias agentes na consciência humana. Isto entendido seja de modo cognoscitivo, seja de modo aplicado, na resolução integral do existir homem.

Conclusivamente, entende-se que sendo um operador da intencionalidade do Em Si ôntico realiza-se a si mesmo de modo evolutivo, com saúde, prazer e criatividade. Isto é, materializa-se aquilo que se é em projeto, em virtualidade, em potencial, em possibilidade. Realiza-se a própria saúde, o próprio prazer, a própria criatividade. Assim, com a saúde tem-se a capacidade física de agir no mundo; com o prazer tem-se a satisfação em existir, isto é, sente-se que viver é bom, que viver agrada; e com a criatividade tem-se a inteligência em ação inventiva, seja em dimensão pessoal, social, econômica ou espiritual. No fim, todo o existir é realização daquele eterno edênico *ser*.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CAROTENUTO, Margherita. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. São João do Polêsine: Ontopsicologica Editrice, 2009.

CHIKOTA, Horácio. Como Antonio Meneghetti falava para os Técnicos Ontopsicólogos. *In*: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). **Symposium Internacional Ontopsicologia 50 anos**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

JOLIVET, Régis. **Tratado de Filosofia. Metafísica**. Vol. III. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1965.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). **Dicionário Grego-Português**. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial / Araçoiaba da Serra: Editora Mnema, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser**: como impostar a filosofia do futuro. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021a.

MENEGHETTI, Antonio. **A arte de viver dos sábios**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021b.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Racionalidade Ontológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MONDIN, Battista. **Storia della Metafisica**. Vol. I. Bologna: PDUL Edizioni Studio Domenicano, 1998.

PERINE, Marcelo. **Ensaio de iniciação ao filosofar**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SCHAEFER, Ricardo. A Filosofia perene como conhecimento propedêutico à compreensão e aplicação da ciência Ontopsicológica. **Saber Humano: Revista Científica Da Faculdade Antonio Meneghetti**, 199-214, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18815/sh.2015v5n8.114>. Acesso em: 05 out. 2024.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

VIDOR, Alécio. Pesquisa em Ontopsicologia. **Revista Brasileira De Ontopsicologia**, v. 3, n. 4, 07-14. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/77>. Acesso em 05 out. 2024.

ZENORINI, Paolo. As contribuições da Ontopsicologia para a Filosofia. *In*: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). **Symposium Internacional Ontopsicologia 50 anos**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2023.

ZENORINI, Paolo. O nexó ontológico: conhecimento e realidade subjetiva. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, v. 1, n. 1, 173-181. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/25>. Acesso em: 05 out. 2024.